

# ESPAÇO E MEMÓRIA: REPRESENTAÇÕES NA OBRA EM *UM BEIRAL PARA OS BENTEVIS* DE JOSUÉ MONTELLO

## SPACE AND MEMORY: REPRESENTATIONS AT WORK IN *UM BEIRAL PARA OS BENTEVIS* DE JOSUÉ MONTELLO

Thalita de Sousa Lucena - UEMA <sup>1</sup>

Silvana Maria Pantoja dos Santos – UEMA/UESPI<sup>2</sup>

### RESUMO

O espaço na narrativa literária tem uma importância fundamental para a compreensão dos fatos. Seja geográfico, social ou psicológico, o espaço faz conexão com todos os elementos da narrativa, podendo exercer forte influência no processo de rememoração, já que tem a capacidade de comportar marcas de vivências particulares e coletivas. Ante o exposto, objetiva-se com este trabalho analisar a importância do espaço da cidade na construção da memória, na obra *Um beiral para os bentevis* (1989), do escritor maranhense Josué Montello, tendo como base teórica sobre espaço, a visão de Lins (1976) e Borges Filho (2007); sobre memória, o pensamento de Le Goff (2003), Bachelard (1993) e Halbwachs (2006). De acordo com Lins (1976), é viável aprofundar numa obra literária, a compreensão de um dos seus elementos, sem que se desprezem os demais. Assim, este trabalho envereda por caminhos que perpassam os fios condutores da memória e o modo como se correlacionam com espaços de vivência dos personagens. A concepção imagética da cidade é fruto de pensamento de elaborações e reelaborações sensíveis, que convertem os espaços urbanos em lugares perenes de significados memorialísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço; Memória; Representação literária.

### ABSTRACT

Space at the literary narrative has fundamental importance for the understanding of the facts. Be geographic, social or psychological, the space connects with all narrative elements and can exert strong influence on the remembrance process, since it has the capacity to keep features of private and collective experiences. Based on that, the purpose of this work is to analyze the importance of city space in the memory construction, the work "*Um beiral para os bentevis*" (1989), belonging to the author Josué Montello native from *Maranhão*, state of Brazil. This work will have a theoretical basis of space, according to vision of Lins (1976) and Borges Filho (2007), about memory, the thinking of Le Goff (2003), Bachelard (1993) and Halbwachs (2006). According to Lins (1976), it is feasible to deep in a literary work, understanding one of his elements, without despise the others one. This work following ways that goes through of memory and how they correlate with living spaces of the personas. The imagery conception of the city is the result of thinking elaborations and sensitive reworkings, which convert urban spaces in perennial places of memories meanings.

KEYWORDS: Space; Memory; Literary representation.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras do Centro de Estudos Superiores da Timon da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Bolsista do Programa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. Integrante do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Literatura e Linguagem - LITERLI. [lytinha\\_lucena@hotmail.com](mailto:lytinha_lucena@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora Doutora de Literatura de Língua Portuguesa do Centro de Estudos Superiores da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Literatura e Linguagem – LITERLI.

Quando o narrador do romance *Um beiral para os bentevis* (1989), de Josué Montello discorre logo nas primeiras páginas da obra, sobre a construção dos espaços da cidade de São Luís e o compartilhamento dos afetos dos personagens centrais por aqueles espaços, favorece-nos uma leitura do espaço físico, com ênfase no modo como os sujeitos se relacionam com os espaços de vivência.

A tecelagem da escrita literária demanda informações diversas: lembranças, desejos, partilhados por ações, deslocamentos e diálogos entrecortados por personagens, vivências, evidências sociais, culturais e históricas sobrepostas sob as lentes do escritor, que por sua vez, patrocina viagens a contextos diversos, outros espaços e mundos que, de forma imutável, são concatenados pela linguagem.

O registro escrito detém o poder de intermediar gerações, e suas vozes são dados relevantes para a configuração da memória. Por meio dela, chega-se a diversos pontos de vista sobre o espaço, como também aos planos de formações construídos nas narrativas que apresentam heranças históricas, sociais e culturais. Portanto, a memória não pode desvincular-se dos espaços, por onde trafega o passado: receptáculo de bagagens imensuráveis sobre vivências pretéritas.

Assim, dispõe-se de elementos indispensáveis para analisar a correlação entre espaço e memória na obra *Um beiral para os bentevis* (1989), considerando que a cidade é um corpo vivo e agente de preservação histórica e cultural, flagrante de movimentos, sons, paisagens e relações de trocas entre seus habitantes.

## 1. Josué Montello e as trilhas na configuração espacial

Do romance ao teatro, do artigo jornalístico ao ensaio histórico, o legado de Josué Montello, de valor histórico-social, é exaltado pelo domínio narrativo. Reconhecido no Brasil e no exterior, tal figura também exerceu cargos notórios. Além de ter sido em Paris, conselheiro cultural da Embaixada do Brasil (1968 a 1970), foi também Embaixador do Brasil junto a UNESCO.

Presidente da Academia Brasileira de Letras (1983 e 1995), período em que também foi Reitor da Universidade Federal do Maranhão. Professor em Universidades de Portugal, Peru e França, Entre tantas funções no seu histórico de atuação, é como escritor que Josué Montello possui maior visibilidade. Sua criação literária é peculiarmente tecida por ações humanas e registros de vivências que se perduram e se confundem entre história e literatura, demarcando um alto teor de vida cultural do seu tempo. O

cuidado com os motivos maranhenses é um traço que o distingue de seus contemporâneos, como se pode constatar a seguir:

Porque pra mim, as velhas ruas de São Luís, tão belas, tão harmoniosas, são todas de alvorada, sempre que as vejo ou as recordo. Aprendi a amá-las, desde menino, inundadas de luz matinal, com o sol a se referir nas ruas fechadas de azulejos, e é assim que sempre as recomponho, nas minhas evocações nostálgicas, quando me deixo ir por elas, olhando sempre o mapa de São Luís sobre os vidros da minha mesa. [...] Certo, que muita coisa ali está mudando, a ponto de eu me perder nas velhas ruas da minha infância e juventude. Mas a memória atenta repõe a cidade de outrora na cidade modificada, e vou novamente a pé da minha casa, na Rua dos Remédios, ao Liceu Maranhense, entre a Praia Grande e o desterro, todos os dias, que na ida, quer na volta, e sempre encontro, no velho itinerário, algo que ficou comigo para recordar. (MONTELLO *apud* ZANELA, 2009.p.6).

Neste depoimento, percebemos que a relação do autor com a cidade confidencia a razão de construir boa parte de sua edificação literária pelas curvas cidadinas que tanto marcam o período da infância e adolescência, das quais saltam cenas que mapeiam ruas e ladeiras da capital maranhense, a partir de seus personagens, representativos da vida dos habitantes do lugar.

Montello destaca-se pelo conjunto de sua obra voltada para os motivos maranhenses, intitulado “saga maranhense”, uma vasta produção literária envolvendo tendências história, social e cultural com destaque para as obras *Cais da Sagração* (1978), *Os Tambores de São Luís* (1975), *Noite sobre Alcântara* (1978), *Largo do Desterro* (1981), no entanto, há um numero significativo de obras do referido autor que se inserem nesse grupo, mas que ainda carece de atenção da crítica, como é o caso da obra *Um beiral para os bentevis* (1989), objeto desta pesquisa.

A narrativa de *Um beiral para os bentevis* compõe-se inicialmente pelo escândalo de Magda, personagem principal, que aparece completamente nua na primeira página do Jornal da cidade, atravessando a Ponte São Francisco na garupa da moto de um jovem compositor e ainda a exaltação do avô Venâncio Sezefredo, perseguindo-a pelos extremos da cidade: da Rua do Trapiche à Avenida Maranhense, da Praia Grande à Camboa. Enquanto Magda esgueira-se dos fundos do sobrado pelas ruas da capital maranhense:

E acabou por sair na Rua do Giz, rente à escadaria, ágil como uma gata. Com igual rapidez galgou os degraus de pedra, para sair na Rua de

Nazaré e atravessar correndo a praça São Benedito Leite. Do outro lado da praça, saltou para a calçada da catedral, quase a ser atropelada por um carro que vinha pela Avenida Maranhense. (MONTELLLO, 1989, p. 12)

As rotas de fuga traçadas extrapolam os arredores da casa ou árvore, demonstrando intencionalidades do narrador em trazer o caráter histórico gerido por nomes de antigas ruas e ainda as sensações de familiaridade com esses locais de vivências cotidianas. Assim, as ruas, praças, calçadas e toda a cidade são pintadas na obra como extensão do lar da personagem.

Além de contribuir para a preservação de antigos espaços com trechos e relatos memorialísticos, percebe-se em *Um beiral para os bentevis* (1989) um destaque para a questão dos valores, choque entre as gerações, mudanças nos costumes das personagens e suas diferentes percepções sobre princípios que, de alguma forma, confirmam transformações que São Luís acanhadamente começa a passar:

[...] por que fazer escândalo, nesta altura da história do mundo, com a nudez de uma mulher? Como foi que eu nasci? [...] O senhor pode me dizer: - Sim, sim, mas com a porta do quarto fechado. Passando a chave na porta. Devagar. Devagar. O senhor já viu a Manchete da semana passada? Na capa uma moça nua. Linda. Tão nua quanto Vênus de Milo, no Museu do Louvre, em Paris, a Vedete viu como eu estou vendo o senhor. O senhor está pensando: "No meu tempo não era assim". E eu lhe digo: - Mas no meu, é. Mulher nua, como eu fiquei, não é indecência. Indecência é olhar de quem põe maldade na nudez de uma mulher. (MONTELLLO, 1989.p.110)

A fala de Magda volta a tratar do melindroso episódio que chocou os familiares e conhecidos, entretanto a mesma justifica sua ação ao avô como único "meio financiador" para viagem do namorado a São Paulo com o ganho de um cheque que custeie os gastos de Jerônimo na tentativa de sua carreira musical. Como sujeito consciente, a personagem respeita os valores tradicionais, mas não se prende a eles. Assim, é preciso tomar nota que, os dois personagens representam duas gerações e que cada uma tem um modo peculiar de ver e entender o mundo.

Vale também ressaltar que essas percepções são reconstruídas e posicionadas a partir da relação do tempo presente e passado, a partir do que se entende por *memória coletiva*, e que segundo Halbwachs (2006), essas marcas de vivências são construídas através dos elos estabelecidos por grupos no meio social. Nesse ensejo, trazem divergências de pensamentos e quebras de estereótipos tomados pelas relações dos

personagens como “testemunhas da verdade” com a cidade e os seus processos inquietantes de configurações contemporâneas.

A representatividade dos espaços citadinos na obra Montelliana, além de apresentarem ao leitor um conhecimento topográfico de antigas ruas, largos, casarões, praças, monumentos, trazem a sensação de que o tempo não passou para a cidade. As múltiplas correlações dos lugares são perpassadas por um quadro de posicionamentos que vertem para a identidade, a partir de colocações geográficas, históricas e sociais. Esse leque faz apreender experiências e vivências que se manifestam por meio da memória

Entretanto, que reflexões são aceitáveis entre as relações homem e cidade? Ora, no campo literário, esta vai além do conceito preestabelecido de área urbanizada com critérios de densidade populacional. A cidade é um aparato de sentimentos ou ressentimentos, às vezes é pintada como lugar de acolhimento e proteção (ou não) aos residentes. Nos romances desse escritor, a cidade é íntima, agradável, bela e tem consigo o seio protetor que por muitas vezes destaca os laços sentimentais de seus habitantes, numa relação prazerosa, como se pode constatar na seguinte passagem da obra:

Vista do alto, com a chuva continuando a cair, São Luís parecia mais bela, pontilhada de luzes, recortando contra a noite embaciada as suas igrejas, os seus mirantes, os seus sobrados. De outro lado, entremostrado pela claridade dos relâmpagos, o mar se escancarava, imenso desimpedido, com a orla do cais salpicada de barcos ancorados. (MONTELLO, 1989. Pág. 307).

No entanto, como toda a cidade, a ilha apresenta problemas conhecidos pela sociedade em geral, que são, sobretudo, âmagos das grandes cidades, de caráter estritamente agressivo, frutos do corpo social. Pelo período em que foi escrita, é dedutivo que estão enraizadas no processo histórico brasileiro. “[...] Aqui do sobrado, mesmo com a Vedete lá em cima, nossa São Luís é uma coisa; lá fora, ao vivo, é outra muito pior. Devassidão, pederastia, assaltos, roubos como no Rio, como em São Paulo”. (MONTELLO, 1989. Pág. 92)

Considerando o espaço literário, Lins (1976) o define como um conjunto de referências discursivas, em que personagens, narrador estabelecem relações com os locais, num movimento contínuo. É com base nessas relações que se percebe como o espaço é concebido, já que ele é o lugar de desdobramentos de vivências, definindo

assim, as condições históricas e sociais. Ainda com base no pensamento de Lins, podemos considerar que a obra *Um beiral para os bentevis* (1989) apresenta a ambientação franca, já que o detalhamento do espaço é feito pela ótica do narrador, como se constata a seguir: “O sobrado, na preguiça da tarde abafada, ainda dormia a sesta longa, que a viração macia suavizada”. (MONTELLO. 1989.p.216)

Essa citação emana do espaço uma sensação de sufocamento, clausura, que vai ao encontro das sensações do narrador, remetendo à compreensão de Lins (1976) sobre atmosfera. Segundo ele, a atmosfera é “invariavelmente de caráter abstrato – de angústia, de alegria, de exaltação, de violência, etc. – consiste em algo que envolve ou penetra de maneira sutil as personagens, mas não decorre necessariamente do espaço”. (LINS, 1976, p. 76).

Magda não nasceu em berço ludovicense, mas isso não desraiga o sentimento da personagem para com os espaços da cidade que a acolhera. Ao contrário, é nela que estão depositadas suas origens, assim rejeita a possibilidade de deixar a cidade, pois é nesse patrimônio cultural que a mesma construiu sua história de vida, como também às de seus pais, avô, e tias. A São Luís provinciana é, sobretudo, o lugar ideal para morar:

- Já fui a São Paulo, e ao Rio, e também à Bahia, numa excursão de ônibus assim que asfaltaram Belém – Brasília. Não afinaram comigo. Muita zoada. Gente demais. Ninguém conhece ninguém. Mesmo em Brasília, fiquei sobrando. Lá principalmente. Sem Largo do Carmo, sem calçada pra gente andar, sem bentevis cantando em nosso caminho, sem pamonha quentinha, sem Dom Mota, sem Padre Mohama, sem Tia Bilu, sem Tia Francisquinha, como é possível eu gostar de uma cidade? (MONTELLO, 1989.p. 201).

Esse fenômeno revelado de sentimentos, propiciados por esse habitar pede atenção para a questão de que tais imagens são reflexos impregnados de memórias e significações que se modificam a partir das experiências e vivências apreendidas no contexto social, e que são tomadas por uma multiplicidade de pontos de vista. O que para a tia de Magda não passa de um lugar poluído com paredes pinchadas, casas destruídas, sobrados abandonados e ruas emburacadas, para a outra é um lugar de aconchego e proteção.

O espaço sob o olhar de personagem principal supera todos os problemas físicos da cidade, e as ruínas não prejudicam o elo existente entre espaço-personagem, talvez a personagem consiga enxergar algo encantador, cheio de história, identidades memorialísticas que apesar do tempo, registra sinais e dobras que refletem modificações,

e isso soam naturalmente, visto que a cidade e seus espaços são moldados, estruturados ou destruídos por seus habitantes.

As atitudes de Magda remetem à ação de guardar a memória de antigos bairros, ruas, casarões, praças, etc., protegendo-os do apagamento da cena urbana, em função do progresso ou de causas e circunstâncias naturais. Vê-se que o narrador, ao destacar esses laços, possibilita refletir sobre o poder simbólico que tais espaços de referência exercem sobre o indivíduo. São espaços que ressignificam lembranças culturais e históricas num mundo em que o progresso e a modernidade transformaram a vida, as relações de troca e o perfil das cidades. Dessa forma, a atitude de Magda visa:

[...] aproveitar todos estes sobrados. Todos.[...] Alí, naquele sobrado da esquina, já com mato no beiral do telhado, vou fazer um albergue. Mais adiante, naquele outro sobre, será o Abrigo dos Meninos Descalços. O convento das Mercês, na volta da rua, quando dalí sair o Quartel da Polícia, vai ser a casa da Música. (MONTELLO. 1989.p.202)

Essa preocupação em manter o patrimônio cultural também é compartilhada pelo avô, Venâncio Sezefredo, que impediu a demolição de uma das mais antigas igrejas da cidade, evidenciando a axiologia que Bachelard (1993) retrata sobre a intimidade estabelecida entre homem e os espaços, chamada topofilia (topos- lugar + filia – paixão) e assim, encadeiam-se sensações de pertencimento a pontos de referência. Nesse caso, o protesto do personagem reflete também ao argumento de tradição, lugar que simboliza todo um apanhado simbólico:

Deus sabe que protestei por ser católico. Por ser aquela a minha igreja. A igreja das minhas missas dominicais. A igreja que fui batizado. A igreja que meus pais se casaram. Em que foram batizados todos os meus irmãos. Inclusive o padre. O padre. [...] E onde me casei. Nas duas vezes. E onde o pobre do Godô rezou a primeira missa. (MONTELLO. 1989. p. 77)

Tal postura não se evidencia na figura da personagem Francisquinha, tia de Magda que fora estrela em Paris e Vedete do Moulin Rouge, mas que retorna sem nada para o Maranhão. Enclausurada no último andar do velho sobrado, sob as goteiras aparadas em baldes, deseja sair da provinciana São Luís e retornar à Paris: “Volto. Nem que seja para morar debaixo da ponte (MONTELLO, 1989. p.184)

02 . Memória cultural ludovicense sob a escrita Montelliana.

Quanto às imagens e significações entrecortadas pelas páginas de *Um beiral para os bentevis* (1989), mais um emaranhado de considerações se poderiam discorrer a partir das ações colocadas por cada personagem. De fato, pode-se acrescentar a riqueza e a densidade que tal obra fora escrita. Entretanto, buscar-se-á demonstrar alguns pontos evidenciados sob tais perspectivas.

As inovações advindas do Rio e São Paulo, através das revistas e matérias, transformam à pequena cidade de São Luís e escandaliza as camadas conservadoras, tanto que a mesma é comparada com Sodoma: lugar descrito pelas escrituras sagradas em que seus habitantes eram pervertidos e cometiam pecados perante Deus. Os protestos em relação às transfigurações vão ao encontro dos inconformados quanto à ruptura de valores e costumes: “As mulheres quase nuas, meninos sabendo de tudo, homens em mangas de camisa, ou de blusão de meia- manga, freiras sem hábito, padres sem batina” (MONTELLO, 1989. p.27).

Outro ponto que merece atenção é que a construção social e coletiva que se têm no *plano da memória de um grupo* Halbwachs (1976), marca a expressão de identidade. Assim destaca-se a religiosidade da personagem Bilu, irmã de Venâncio Sezefredo, com sua devoção ao Santo Benedito. No contexto cultural, tal ato coloca-se como conhecimento que tende a justificar o comportamento social. É da herança lusa que boa parte do povo brasileiro considera-se cristão, com largo predomínio de católicos, talvez por essa razão que esse traço de submissão e fé recebe ato singular.

Na obra, o veículo de comunicação com maior impacto é o da leitura jornalística e é religiosamente obedecido nas primeiras horas da manhã, após o café. O telefone e a televisão são alvos de denegação pelo chefe de família, Venâncio Sezefredo, visto que os mesmos não possuem representação tradicional: “nosso pai não tinha telefone, nem nosso avô, nem nosso bisavô, nem o capitão-mor que governou o Maranhão, e todos se deram bem”. (MONTELLO, 1989.p.31)

O que chama atenção aqui é a força que este aparelho exerce logo nas páginas posteriores e apesar da recusa, há uma espécie de concessão após a fase de rejeição e já seguindo para a adaptação: “–Desde ontem já temos telefone. Amanhã teremos televisão. Um aparelho na varanda; outro no escritório de Venâncio Sezefredo”. (MONTELLO, 1989. p.27)

O resgate da memória da cidade e toda a expressão de cultura e identidade da sociedade maranhense são ressignificadas, de modo que não só o espaço tem significado peculiar, mas também às memórias de vivências e de gostos artísticos: a música Boi da



Lua lembrada pelo narrador, representa assim, a riqueza da vida maranhense, pelo equilíbrio e acabamento da linguagem poética de Pepete, que retrata na letra um dos costumes mais forte do estado: a festa junina e o Bumba - meu – boi:

“Meu São João..  
São João, meu São João  
Eu vim pagar a promessa  
De trazer esse boizinho  
Para alegrar sua festa  
Olhos de papel de seda  
Com uma estrela na testa”

(Pepete, Boi da Lua)

A letra enaltece sensações pelo tom poético e fortalece os laços identitários, concatenados nos comportamentos e costumes das personagens, além disso, toda a obra realça o espaço ludovicense com sensibilidade: “Nossa terra é a melhor terra do mundo” (MONTELLO. 1989. p.167). O valor simbólico da cultura maranhense também são postos pelo narrador pelos espaços de referências e pratos tradicionais do lugar, como é o caso do arroz de cuchá:

“E todas a falarem de São Luís, da Praia Grande, dos Sinos do Pantaleão, do Bumba – meu – boi, do Araçagi, da Casa das Minas, das mulatas da Alcântara, do rolete de cana, do arroz de cuchá.” (MONTELLO, 1989. P.167)

Ante o exposto, a memória cultural expressa na obra traz patrimônios materiais, por meio de espaços físicos, e imateriais através da cultura de São Luís. Nesse sentido, a obra literária estabelece relevância no plano da criatividade. Por meio dela as construções humanas e todas as formas de cultura são representadas como patrimônio histórico.

## Considerações Finais

Por meio da obra *Um beiral para os bentevis* (1989), verifica-se registros espaciais envoltos por sensações de afetos e acolhimentos resguardados pelos personagens. As ruas antigas, sobrados, a Praia Grande, as praças, a igreja, os muros pinchados e ainda os beirais rachados, trazem uma estreita relação colocada também sobre as lentes de

estímulos visuais: “E Magda, recolhendo nas pupilas aumentadas a luz que se desfazia sobre os mirantes, os telhados, as ruas, a nesga do mar”. A partir dessas percepções, as inferências de Borges Filho (2007) ganham conformidades, quando o mesmo diz que o personagem percebe o mundo e o espaço a partir dos sentidos, que variam de acordo com a sociedade e com a cultura.

. A realização da personagem principal é concretizada pela restauração do Sobrado localizado na Rua da Estrela, que se tornou um Instituto de educação chamado de Venâncio Sezefredo, como também a reparação de outros bens deixados pelo avô. O delinear da cidade e os processos de mudanças ocorrem no final da obra, mas não conseguem alterar aquele espaço íntimo, que deixou na personagem marcas de vivências singulares.

O surgimento de uma Nova São Luís é perceptível, mas de todo, os hábitos dos moradores nesses pontos referenciais permanecem a representar o histórico e o simbólico. Resta acrescentar que isso se dá no transcorrer de toda a narrativa a partir das experiências que diluem a memória cidadina pelos hábitos, gostos e crenças, modos de vidas, bens imensuráveis.

## Referências

BENJAMIM, Walter. Obras escolhidas III. Charles Baudelaire: **Um lírico no auge do capitalismo**. 1. Ed; São Paulo, Brasiliense, 1989.

BACHERLARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes

BORGES FILHO, Orízes. Espaço e Literatura: Introdução à Topoanálise. Orízes Borges filho – Franca, São Paulo, Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1985.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

MONTELLO, Josué. **Um beiral para os bentevis**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

